

5 Relação das crianças com a imprensa escrita

5.1 Considerações das crianças sobre jornais

O estreito relacionamento que as crianças envolvidas nesta pesquisa têm com a imprensa escrita e com a mídia, de forma geral, tornou-se evidente logo nas primeiras oficinas. Nesta parte do trabalho, pretendo fazer uma análise descritiva sobre o que essas crianças dizem sobre a mídia, em especial jornais e revistas, o que afirmam ler e não ler nesta área, suas críticas e suas sugestões sobre o que poderia ser modificado na imprensa escrita, além dos jornais e revistas mais lembrados.

As oficinas seguintes à apresentação geral, descrita anteriormente, tiveram como foco principal o “jornal impresso” e a “revista”, com atividades em que as crianças deveriam expressar suas opiniões sob forma de desenho e em discussões coletivas.

Na primeira atividade com foco em “jornal”, os participantes receberam uma folha de papel e canetas coloridas para que dissessem o que pensavam sobre “jornal impresso”. Em um dos lados da folha, foi pedido que fizessem um desenho respondendo à pergunta “O que é um jornal para mim?”; e que escrevessem uma palavra, ou uma frase, que resumisse seus pensamentos acerca do assunto. No outro lado da folha, eles deveriam pensar em outra imagem, desta vez respondendo a uma segunda pergunta: “como eu acho que o jornal deveria ser?”. Logo após, sentados em roda, os alunos explicariam uns para os outros o que haviam desenhado.

Na escola particular, sete das 14 crianças escolheram para suas imagens publicações específicas: cinco desenharam o jornal “O Globo”, uma desenhou o “Lance!” e uma desenhou o jornal “O Dia”. Quando perguntadas por que haviam escolhido essas publicações, afirmaram que aqueles eram os jornais que tinham em casa e que consideravam os mais conhecidos. Os que não desenharam nenhuma publicação específica usaram jornais com títulos genéricos como “jornal” e “notícias”.

Um dado interessante na análise das palavras que as crianças usam para resumir o que pensam sobre o jornal, nos desenhos entregues, é que a maioria (dez dos 14 alunos que participaram da atividade) o descreveu de forma positiva, usando expressões como “aprendizado”, “interessante” e “informativo”. Ainda assim, nos registros da discussão coletiva e nos desenhos que mostram como as crianças acham que o jornal deveria ser, percebe-se que a maioria delas não gosta e/ou não lê jornal, ou se atém apenas à parte que lhes interessa, considerando a publicação, como um todo, “muito chata”.

Uma menina de 12 anos, por exemplo, que escreveu a palavra “aprendizado”, logo abaixo do jornal “O Globo” que desenhou, afirmou durante a conversa com os amigos e com a pesquisadora que ela “*nem lê o jornal porque ele é muito chato*”. A menina é uma das crianças que, em seu segundo desenho, sugere que o jornal tenha “espiral”, “folhas de revista”, “imagens mais legais” e “notícias mais legais sobre música e assuntos de moda”. Um dos diálogos travados com essa mesma aluna, durante a discussão coletiva, sobre os desenhos, ilustra a questão:

Paula, 11 anos: Jornal para mim é sinônimo de notícia.

Josy: Paula, você tem algum jornal em casa?

Carolina, 12 anos: Não, imagina, ela é uma menina “desculturada”...

Josy: Por quê, Carol? Você acha que quem não tem jornal em casa não tem cultura?

Carolina, 12 anos: Claro! Senão a pessoa não sabe o que acontece por aí.

O que pode ser entendido, a partir das informações fornecidas pelas crianças, é que o jornal seria uma espécie de “mal necessário”, algo que elas não consomem porque não gostam, mas que reconhecem como sendo importante.

Ao analisar os desenhos e o discurso das crianças da escola particular, as críticas ao formato físico do jornal impresso merecem destaque. Grande parte dos desenhos mostra que, se pudessem mudar algo no jornal que conhecem hoje, as crianças adicionariam espirais, capa de livro, folhas de revista e outros detalhes que, segundo elas, tornariam a leitura do impresso mais fácil. Um dos meninos, de 11 anos, sugere que o jornal seja “montável” e que possa adquirir formato de cubo, ao colar suas folhas, porque “*seria mais divertido na hora de ler*”, de acordo com ele. Muitos dizem que gostariam que o jornal “*fosse que nem revista*”, “*não fosse tão preto e branco*” e “*não deixasse a mão imunda*”.

Tommy, 12 anos: Eu queria que o jornal fosse que nem uma revista e que ele tivesse espiral, para ser lido tipo um livro.

Josy: Por quê?

Tommy: Porque é difícil de ler, a gente se embola.

Ben, 11 anos: É, é muito difícil ler jornal. Quando estou viajando e os jornais ficam todos guardados na portaria, tenho que espalhar tudo no chão quando chego. Fica mais fácil de virar as páginas. O pior de tudo é que a mão fica toda suja, solta muita tinta.

Os alunos criticam o tamanho das folhas das publicações, muito grandes para eles, mas lembram, em meio à discussão, que há certos jornais que possuem folhas menores. Um dos meninos, de 11 anos, afirmou que *“aquele caderno amarelinho, do Globo, que vende um monte de coisa, tem folhas menores”*¹⁶. No mesmo momento, outra menina, de 12 anos, lembrou que o “Jornal do Brasil” mudou de tamanho há pouco tempo e agora tem folhas menores. *“E o preço também diminuiu”*, completou.

Em um segundo momento, notou-se que as crianças também têm críticas ao conteúdo editorial e fazem sugestões sobre o assunto. Grande parte das meninas gostaria de ler um jornal que tivesse notícias que consideram mais interessantes. Segundo elas, seriam reportagens sobre “Rebelde”, sobre “fococas”, sobre “moda” e sobre “novelas”. Há ainda uma sugestão de um jornal só sobre cães. Entre os meninos, os “pedidos” são voltados para a área de “esportes”, que eles afirmam merecer mais espaço nas publicações. Ainda assim, alguns já se dizem contentes por existirem jornais só sobre o assunto, como o “Jornal dos Sports” e o “Lance!”, lembrados por eles próprios.

O que se pode concluir é que as crianças, diferentemente do que pensam adultos, sejam eles pais, professores ou até mesmo jornalistas, não se interessam apenas pelos assuntos que julgamos pertencer ao universo “infantil” ou “infanto-juvenil”, mas aproximam-se também de temas como “moda”, “fococas” e “esportes”.

Para entendermos melhor a questão, caberia lembrar o que diz Martin-Barbero (2004) sobre as preferências de crianças por programas de televisão para adultos. O autor faz suas considerações comparando, principalmente, os livros à televisão, mas seria possível traçar um paralelo também com a mídia impressa. Ele afirma que *“ao não depender seu uso de um complexo código de acesso, como*

¹⁶ Ele está se referindo ao “Guia de Compras”, anexado semanalmente ao “Jornal de Bairros”, em “O Globo”.

o do livro, a televisão expõe as crianças, desde que abram os olhos, ao mundo antes velado dos adultos” (p. 346). No entanto, o mesmo não acontece com os livros, segundo ele, uma vez que seus temas e vocabulário tornam-se mais complexos, à medida que se destinam a uma faixa etária mais elevada. Assim, não é de se espantar que crianças que continuam lendo livros infantis prefiram uma programação televisiva que não seja voltada para sua idade.

Com o jornal e com outros veículos impressos, como a revista, acontece algo semelhante. A linguagem escrita jornalística que tem como público alvo o “mundo adulto” e que para nós parece ser complexa demais para as crianças, na verdade não o é, segundo os participantes das oficinas realizadas para esta pesquisa, principalmente quando trata de assuntos conhecidos, sobre os quais possuem informações anteriores advindas de outros meios de comunicação ou de outras fontes. Eles não encontram dificuldades com a leitura nesta área e dizem que consideram até alguns textos escritos “exclusivamente para crianças” em jornais e revistas como sendo “bobos” ou “fáceis demais”. Sem a “censura” imposta pelo livro escolhido pelos pais ou pela escola para que ele seja, reconhecidamente, aplicável à sua faixa etária, essas crianças mergulham em jornais e revistas com extrema propriedade, lendo o que têm vontade e não o que é feito especialmente para elas.

Os participantes da oficina dedicaram boa parte de sua discussão coletiva à questão da violência, presente, segundo eles, na maioria dos jornais. O assunto surgiu porque um dos meninos, de 11 anos, havia desenhado uma página de jornal com a imagem de um homem atirando em outro e um ônibus sendo incendiado. O título era “Violência em São Paulo”. Uma das meninas diz que esse é um dos motivos que faz com que o jornal seja chato: “*Eles só falam, na maioria das vezes, sobre violência*”, diz ela. Um dado muito semelhante a este foi obtido a partir da pesquisa “Crianças, Televisão e Valores Morais” (DUARTE e outros, 2006), feita pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia – GRUPEM, da PUC-Rio, cujo principal objetivo foi investigar como as crianças dão sentido ao que vêem pela tevê. Neste trabalho, uma das questões mais evidenciadas, quando o foco são os telejornais, é o conflito que as crianças participantes dizem vivenciar entre a necessidade de “saber o que está acontecendo” e o mal-estar que esse saber provoca nelas, pois a percepção de mundo que elas elaboram a partir dos telejornais parece ser, quase sempre, a de um lugar onde é impossível viver.

Cabe ressaltar que, apesar de expressarem verbalmente que não gostam de ler sobre violência, as crianças parecem muito interessadas em discutir o assunto, contando casos e lembrando o que leram sobre o tema em jornais e revistas ou viram na televisão.

Reproduzo um dos diálogos gravados enquanto os alunos desenhavam e comentavam o que estavam pensando em colocar em seus trabalhos:

Raffaella, 12 anos: Sabia que a filha da amiga do meu irmão foi assaltada ontem?

Brenda, 12 anos: E você sabia que eu conheço uma pessoa que conhece a Glória Perez? A mãe daquela atriz que foi assassinada há um tempo, com várias facadas...

Rachel, 12 anos: Acho que, se o jornal quisesse falar sobre todos os assaltos e toda a violência que acontece na cidade, não caberiam tantas notícias dentro dele.

Imagem 1



Desenho de um menino de 11 anos, da escola particular: o jornal, para ele, mostra a “violência em São Paulo”.

Semelhante à *expertise* sobre a tevê, percebida na pesquisa realizada em 2004/2005 pelo GRUPEM (DUARTE e outros, 2006), as crianças participantes da oficina da escola particular aparentam ter bastante conhecimento a respeito de publicações impressas, o que pode ser percebido em suas falas e em pequenos detalhes presentes em seus desenhos. Duas meninas, por exemplo, usaram a expressão “manchete”, nas primeiras páginas dos jornais que desenharam, demonstrando que compreendem e sabem como utilizar a palavra que define as principais notícias de um jornal. Outras duas crianças, ao desenharem a primeira

página do jornal “O Globo”, demarcaram um espaço na página onde escreveram a palavra “Chico” e explicaram que aquele seria o espaço destinado aos desenhos do chargista Chico Caruso, que vêm sempre na capa do referido jornal. Além de saberem o nome do profissional, elas ainda demonstraram saber em que parte do jornal seu trabalho é publicado.

Há um outro dado que merece ser destacado no que diz respeito ao grau de intimidade que essas crianças demonstram ter com esse meio de comunicação: em boa parte das imagens produzidas por essas crianças, o jornal aparece dividido em editorias, ou seja, as notícias apresentadas por elas nos desenhos que fizeram dos jornais são ordenadas por assunto, como, de fato, acontece. Um menino de 11 anos desenhou um jornal aberto, com duas folhas à mostra e colocou em cada uma delas um título: “economia”, “esportes”. Na área de “economia”, estão as três reportagens que dividem a página: “Dólar em baixa”, “Inflação” e “Juros em alta”, acompanhadas de imagens que complementam os assuntos, como o desenho de uma nota de um dólar e um gráfico. Na parte de esportes há uma imagem de duas pessoas jogando bola, que divide o espaço da página com textos. Esse tipo de ordenação está em outros quatro desenhos, com indicações de seções como “Brasil”, “moda”, “violência” e “música”.

Nesses trabalhos podem ser também identificadas referências à diagramação. Ao desenhar a imagem de como acha que um jornal deveria ser, uma menina de 12 anos criou um formato diferente para as fotos da publicação. Em seu primeiro desenho, os espaços destinados às fotos são retangulares, como tradicionalmente o jornal as apresenta. Já no segundo desenho, ela sugeriu um triângulo como formato para a foto, como se estivesse pensando em um novo desenho de página.

Apenas uma das crianças da escola particular lembrou que alguns jornais possuem suplementos voltados para o público infantil. Na primeira página do jornal que desenhou, dividido por editorias, há notícias de “economia”, “violência”, “esportes” e uma chamada para uma seção que ela chama de “área infantil”, cuja foto de ilustração é a de um golfinho.

Imagens 2 e 3



Dois desenhos feitos por uma aluna do colégio particular. O primeiro expressa sua opinião sobre o que é um jornal. A palavra usada por ela para descrever o veículo de comunicação é “aprendizado”. Na segunda imagem, o jornal “como deveria ser”: espiral, folha de revista, novos assuntos, nova diagramação e um novo título, que leva o nome da própria aluna.

A mesma atividade foi proposta nas duas turmas de oficinas na escola pública, no segundo dia de atividades. Foram recolhidos 35 trabalhos com dois desenhos cada, e em 25 deles as crianças indicaram publicações específicas. Os jornais “Extra” e “O Dia” foram os mais lembrados pelas crianças: apareceram, cada um, dez vezes. O jornal “O Globo” apareceu sete vezes, o “Meia Hora” aparece uma vez, da mesma forma que o “Jornal do Brasil”. Quando perguntadas por que haviam escolhido essas publicações para desenharem, elas afirmaram que aqueles eram os jornais que os pais liam ou que consideravam os melhores. As crianças que não desenharam nenhuma publicação específica usaram, em seus desenhos, jornais sem título ou com títulos genéricos como “Jornal”.

Assim como as crianças da escola particular, essas também fizeram críticas ao formato físico dos jornais, sugerindo que eles fossem “*mais coloridos*”, “*tivessem espirais*”, “*forma de livro*” ou, ainda, “*uma alça para que pudessem ser carregados sem desmontar*”. Suas reclamações e sugestões estavam relacionadas ao fato de as publicações serem muito grandes e difíceis de serem manuseadas.

Um trabalho que chama a atenção, porém, é o de um menino de 13 anos que faz, ao mesmo tempo, críticas ao formato e ao conteúdo do jornal e sugere como as publicações poderiam, de uma vez só, resolver o problema. Durante a discussão coletiva, ele afirmou: “*eu queria que o jornal parecesse tipo uma TV, mas fosse em papel*”. O desenho que exibiu para os colegas foi o de um jornal em forma de tela de televisão (retangular e arredondado nas bordas), dividido em dois: de um lado, só há imagem, de outro, apenas textos. Para ele, as imagens deveriam ter o mesmo espaço, ou, se fosse possível, até mais, que os textos, algo que, em sua opinião, não acontece com os jornais de hoje. Os assuntos também deveriam ser mais variados, do jeito que ele encontra quando liga a TV. Os outros participantes da oficina prontamente concordaram e houve um consenso, durante o debate, de que televisão é, sem dúvida, para eles, muito mais divertida que jornal impresso. A televisão está tão mais presente em suas vidas que, no início dessa atividade, quando foi pedido que desenhassem como achavam que é um jornal, duas crianças indagaram: “*Professora, é para desenhar o jornal da TV?*”.

Martin-Barbero (2004) afirma que “*no que concerne o mundo dos jovens, as mudanças indicam uma emergência de sensibilidades dotadas de uma forte empatia com a cultura tecnológica, (...) da informação absorvida pelo adolescente em sua relação com a televisão (...)*” (p. 287). O autor explica que existe o que se pode chamar de uma “*cumplicidade expressiva*” entre o jovem contemporâneo e as tecnologias audiovisuais. Na relação com aparatos como a televisão, a juventude consegue encontrar um idioma e um ritmo próprios:

“A televisão é, hoje em dia, a representação mais aproximada do demiurgo platônico; e a fascinação que exerce sobre os seres humanos não tem a ver unicamente com a informação, ou com o entretenimento: a principal oferta televisiva é o mundo.” (Martin-Barbero, 2004, p. 299)

As diferenças entre televisão e impressos, mídia audiovisual e mídia escrita, ver e ler permeiam muitas das discussões e idéias das crianças surgidas

nas oficinas realizadas nesta pesquisa e são de extrema importância para entendermos como elas se apropriam e fazem uso de uma mídia escrita em pleno século XXI, marcado não só pela força incontestável da TV, mas também pelo advento do computador e da internet. O veículo impresso “compete” hoje com o audiovisual.

Além disso, lembrando os dados obtidos com a entrevista coletiva, fica bastante claro que há um grande fascínio, por parte das crianças envolvidas nesta pesquisa, pelas telenovelas, gênero televisivo de entretenimento, que faz parte do rol de “variedades”, que o aluno da escola pública afirmou que gostaria de ver no jornal e que, certamente, faz da televisão um produto “mais divertido”, aos olhos deles.

O gênero telenovela não é, em grande parte de suas produções, destinado ao público infantil. Normalmente, as telenovelas veiculadas no Brasil tratam de temas pertencentes ao mundo adolescente e/ou adulto. Mesmo assim, elas são líderes na preferência do público que vai dos 4 aos 11 anos, de acordo com institutos de pesquisa. Segundo dados divulgados pelo Ibope¹⁷, em dezembro de 2005 a novela “Belíssima” estava no topo do *ranking* dos programas mais assistidos pelo público dessa faixa etária. Interessante notar que, dos primeiros cinco programas da lista de preferidos deste público, apenas dois não eram teleficções — novelas, séries ou minisséries. Além da chamada “novela das 8”, líder de audiência em todas as faixas etárias, “A grande família”, “Alma gêmea”, “Malhação” e “Bang Bang” apareciam, nesta ordem, na relação dos dez mais queridos pelo público infantil.

Martin-Barbero (2004) classifica as telenovelas como “*uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo da cultura popular*” (p. 27). O autor ainda faz considerações importantes sobre telenovelas e cultura letrada, fundamental para entendermos a oposição que fazem as crianças entre televisão e jornal. Segundo ele, a telenovela remete a esquematismos narrativos e estratégias do mercado e possibilitam às massas urbanas apropriar-se da modernidade sem deixar sua cultura oral.

¹⁷ Fonte: Jornal O Globo. Coluna “Controle Remoto”, de Patrícia Kogut, de 07/12/2005.

Partindo para um plano mais geral, Martin-Barbero (idem) entende que a televisão se diferencia dos outros meios de comunicação pelo processo de emissão:

“(...) atenção flutuante em oposição à atenção fixa, concentração interior em oposição à imposta desde o exterior, sensação de espontaneidade em oposição à sensação de artifício etc. – e as diferenças de ‘programação’, especialmente quanto ao tipo de ‘gêneros’ (...) Tudo isso produz um processo específico de *participação* da parte do telespectador, de *implicação*. *Per se* a comunicação visual diminui a vigilância do espectador, as imagens ‘aspiram’ aos que as olham.” (Martin-Barbero, 2004, p. 103)

O autor ainda explica que, no caso da TV, a falta de um entorno ritual, como no caso do cinema, e o fato de estar inserida no âmbito familiar reforçam uma atitude de “simpatia” constante, pois o objeto faz parte da família. A TV é vista como a grande companheira, uma espécie de fidelidade segura. Finalizando, Martin-Barbero conclui que as massas na América Latina estão se incorporando à modernidade não pelo livro, ou por um projeto ilustrado, mas pelos formatos das indústrias culturais do audiovisual. Essa transformação da sensibilidade, da cultura letrada para a audiovisual, gera graves desafios, de acordo com ele, pois implica na aceitação de que as majorias podem se apropriar da modernidade transformando sua cultura oral em uma oralidade secundária, gramaticalizada pela televisão, pelo rádio ou pelo cinema.

Críticas ao conteúdo editorial dos jornais foram visíveis nos desenhos e nos debates dos participantes das oficinas na escola pública. A maior parte das meninas afirmou que seria importante encontrar mais notícias sobre “Rebelde”, “fococas” e “música”. Dois meninos disseram que gostariam que os jornais também tivessem o que chamaram de “coisas só para homens”, que explicaram ser o conteúdo que é encontrado em revistas masculinas como a “Playboy”. Houve ainda um pedido de um menino para que o jornal tivesse mais espaço para “histórias em quadrinhos”, o que não foi lembrado pelos alunos da escola particular.

Da mesma forma que na escola particular, os alunos da escola pública, em sua maioria, definiram o jornal de forma positiva. Em 29 desenhos, algumas das palavras mais usadas para descrever o meio de comunicação foram “informativo”, “especial”, “importante” e “bom”. Nos seis restantes, os alunos explicitamente se colocaram como avessos ao jornal, com palavras como “chato”, “muito chato” e

“sem graça”. No decorrer do debate coletivo, entretanto, percebeu-se que grande parte dos que utilizaram termos positivos em seus desenhos não gosta e/ou não lê jornais. Apenas oito crianças, do total de 35, afirmaram ler jornais e, mesmo assim, de vez em quando. Um dos desenhos, de um menino de 11 anos, reflete bem o posicionamento das crianças. Para ele, o jornal é “inteligente e chato” ao mesmo tempo. O aluno mesmo explicou seus motivos, na conversa que tivemos durante a oficina:

Douglas, 11 anos: A gente sabe que é importante e que as pessoas que fazem são muito inteligentes, mas não dá para achar legal. É muito texto.

A questão da violência presente nos noticiários também pode ser percebida em alguns desenhos desse grupo, mais até do que na escola particular. Há um desenho feito por uma menina, com a imagem da primeira página de um jornal “O Dia”, de um homem encapuzado segurando uma arma, abaixo do título “Procurase”, além de outros que falam sobre tiroteios e assaltos. Ao discutirem sobre o assunto, os alunos da escola pública trouxeram uma visão diferente daquela apresentada pelos alunos da escola particular a respeito do fato dos jornais abordarem o tema “violência” em suas reportagens.

Danilo, 12 anos: Acho que o jornal é bom porque quando tem tiroteio na Rocinha eu fico sabendo. A gente às vezes fica sabendo antes do jornal quando acontece alguma coisa na Rocinha, mas o jornal explica direitinho o que foi.

Josy: Você mora na Rocinha, Danilo?

Danilo, 12 anos: Moro.

Da mesma forma, vem à tona a discussão sobre a importância das crianças lerem jornais.

Rian, 11 anos: Só os adultos lêem jornal.

Josy: E vocês acham que só adulto tem que ler jornal? Ou criança também tem que ler?

Stéphanie, 12 anos: Eu acho que criança tem que ler também para saber como se proteger. Tem muita criança sendo seqüestrada por aí...

Foi também a partir da pesquisa “Crianças, Televisão e Valores Morais” (DUARTE e outros, 2006), que foi possível perceber um dado semelhante, entre crianças de mesma idade das envolvidas na pesquisa desta dissertação. De acordo

com os dados desse trabalho, muitas delas demonstravam ter ciência de que é preciso ter conhecimento dos perigos do mundo para poder se proteger deles.

Imagem 4



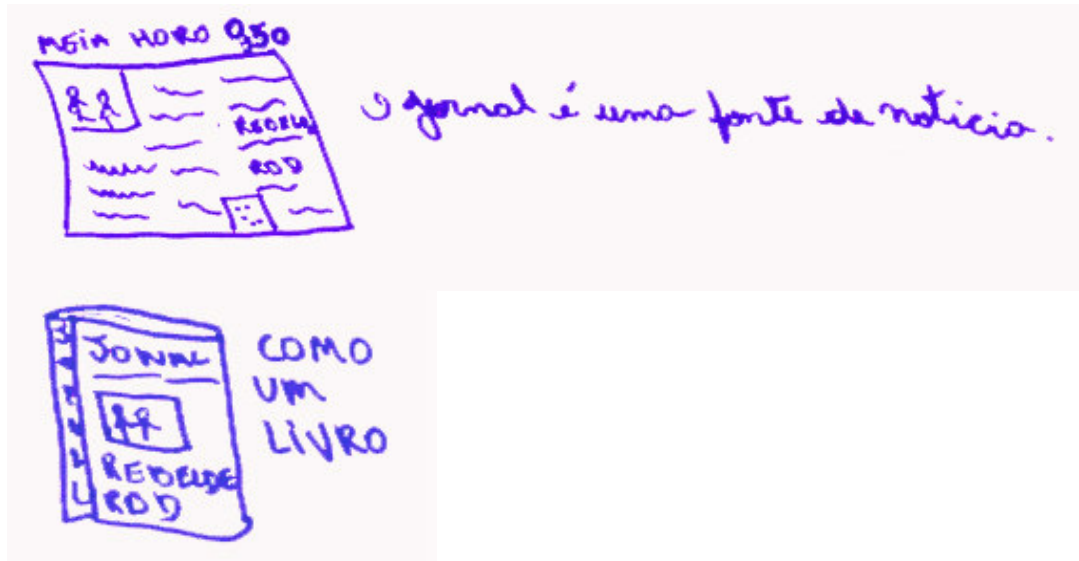
Desenho de uma menina de 11 anos, da escola pública: o jornal mostra um bandido procurado e, segundo ela, o periódico, de forma geral, é “chato e sem graça”.

O conhecimento que as crianças da escola pública têm sobre mídia impressa pode ser avaliado através dos desenhos e pelo debate que participaram. Os participantes parecem reconhecer bem todos os jornais, principalmente os que fazem parte de seu universo. Um menino de 12 anos deixa claro que não gosta de jornal, mas “*adora o DVD que vem junto*”. Muitos deles, em seus desenhos e durante nossa conversa, diferentemente dos alunos da escola particular, avaliaram, por conta própria, os custos de se fazer um jornal e o preço de cada uma das publicações citadas em bancas, especialmente os jornais “Extra” ou “O Dia”.

Ainda assim, os desenhos na escola pública mostram que talvez essas crianças intervenham menos sobre o jornal ou criem menos sobre o produto do que as da escola particular. Grande parte dos trabalhos não tinha títulos ou sugestões de reportagens e os alunos se limitaram a indicar os textos dentro dos jornais com traços ou riscos, não indicando o que estaria, de fato, escrito nesses impressos. A maioria dos desenhos é feita em pequena escala, com jornais que ocupam pouco espaço na página e não apresentam riqueza de detalhes. Um dado importante sobre o resultado desta atividade na escola pública é que, apesar de expressarem, em sua maioria, descontentamento com os periódicos, quase metade dos alunos não soube ou não quis expressar, em seus desenhos, como essas publicações poderiam ser diferentes. Em 14 dos 35 desenhos, não há nenhuma

mudança sugerida, diferentemente da escola particular, em que todos deram sugestões de modificações.

Imagens 5 e 6



Desenhos de uma menina de 11 anos, da escola pública. No primeiro, o jornal como é: ela escolhe a publicação “Meia Hora” e coloca seu preço: R\$ 0,50. Para ela, “o jornal é uma fonte de notícia”. Em seu segundo desenho, a menina mostra que gostaria de ler notícias sobre “Rebelde” e que o periódico tivesse formato de livro.

5.2

Considerações das crianças sobre revistas

A atividade da oficina de introdução ao assunto “revista”, seguinte à atividade introdutória do jornal, teve como objetivo perceber as preferências, as opiniões e a capacidade de criação das crianças sobre o outro veículo de comunicação impresso analisado nesta dissertação.

Desta vez, o pedido feito aos alunos foi que desenhassem uma capa de revista baseando-se em seus desejos: eles teriam que reproduzir a primeira publicação deste tipo que tivessem vontade de comprar ao entrar em uma banca de jornal. Para aqueles que não quisessem “comprar” nenhuma das revistas disponíveis no mercado, havia a opção de inventar um novo título, explicando que assuntos seriam abordados na publicação imaginada e para que público seria destinada. Desta forma, ficaria mais claro perceber, além de suas opiniões sobre revista, se os títulos existentes suprem a demanda dessas crianças, se elas se

sentem satisfeitas, se consomem o que há disponível nesta área e se a revista “Recreio”, de alguma forma, é mencionada por eles. Depois de concluídos os desenhos, as crianças explicaram suas escolhas em um debate, apresentando o que haviam desenhado e falando sobre como e quando lêem revistas.

Na escola pública, foram recolhidos 28 desenhos. Destes, oito eram reproduções da revista “Rebelde”; oito eram revistas de esporte variadas, a grande maioria sobre futebol, com títulos inventados por eles; quatro eram revistas “Época”; uma revista “Recreio”; uma revista “Capricho; uma revista “Fama”; uma “Revista da Xuxa”; uma revista inventada pelo aluno sobre “games” chamada “GM”; uma revista criada por aluno chamada “O Dia”; uma revista de música criada por aluno chamada “Rock”; uma revista inventada por aluno chamada “Extra”; e três não continham indicação de nome da publicação.

A diferença entre preferências de meninos e de meninas fica clara já com uma análise superficial dos desenhos. Todos os trabalhos feitos sobre esporte são de meninos, enquanto todas as imagens da revista “Rebelde” foram pensadas por meninas. Mesmo quando se propõem a desenhar outras revistas, os alunos mantêm essa diferenciação de temas pelo assunto que colocam na capa que desenharam. Por exemplo: uma das revistas “Época”, desenhada por um aluno, de 11 anos, tem o jogador Ronaldinho Gaúcho como destaque principal. O menino explica que até gosta da revista, mas só lê mesmo a parte de esportes. Outro exemplar da revista “Época”, desenhado por uma menina de 12 anos, tem como capa uma reportagem sobre o show da banda RBD, composta por atores e atrizes da novela “Rebelde”, no Rio de Janeiro.

Como segundo ponto de análise, seria importante destacar o quanto as escolhas de revistas nesta turma estão ligadas ao que essas crianças vêem e absorvem da televisão. Além de todas as publicações que se referem à novela “Rebelde”, e da “Revista da Xuxa”, que poderíamos citar como exemplos, há uma revista desenhada por uma menina de 12 anos cujo nome é “Fama”. Segundo ela, esse impresso teria com assunto principal a vida das celebridades e o desenho que está na capa mostra uma mulher loira, trajando um vestido vermelho longo.

Josy: É possível encontrar essa revista “Fama” nas bancas, Eliane?

Eliane, 12 anos: É, sim.

Josy: E como você ouviu falar dela?

Eliane, 12 anos: Na televisão!

A revista “Fama” é, na verdade, uma revista que existiu apenas durante os meses em que foi exibida a novela “Celebridade”, no horário das 20h, na TV Globo. Ela era a publicação que tratava da vida dos personagens famosos da novela e nunca chegou a ser vendida em bancas, tendo sido apenas distribuída, como brinde e produto meramente ficcional, em outras revistas, na época em que a novela estava no ar¹⁸.

Apenas três revistas fizeram alusão a um conteúdo exclusivamente infantil, abordando os assuntos “games” e a apresentadora Xuxa. Uma das revistas que trata do tema “games”, aliás, é a “Recreio”, desenhada por um menino de 13 anos. Ao explicar seu trabalho, ele falou:

Ramon, 13 anos: Acho que é uma revista mais para crianças, mas qualquer um que goste de *games* pode ler. Ela mostra truques que podem ser usados nos jogos.

Josy: E o que é o desenho da capa?

Ramon, 13 anos: É um *joystick* de *PlayStation*. É o vídeo game que eu jogo.

O vídeo game é uma temática constante, principalmente entre os alunos da escola pública. Para Provenzo Jr. (2004), seria importante estarmos atentos para esse tipo de mídia: uma mídia interativa que, segundo ele, poderia estar em processo de se transformar, para a infância contemporânea, como uma alternativa para a realidade, que representa os primeiros estágios na criação de um novo tipo de televisão. Ao contrário de cinema, vídeos, TV aberta ou paga ou qualquer forma de entretenimento passivo, diz o autor, essa forma é interativa, com a participação do usuário nas ações e atividades do *software*, tornando, assim, a experiência mais realista e mais intensa.

“Discuto aqui se os videogames representam uma nova fronteira para a mídia na nossa cultura. Videogames são uma forma complexa e rapidamente envolvente – a que muitos pais e adultos dão relativamente pouca atenção. Poucos fazem idéia de quão sofisticados os jogos se tornaram nos anos recentes, como eles envolveram e adaptaram novas tecnologias, que os tornam cada vez mais realistas e interativos.” (Provenzo Jr, 2004, p 163-164)

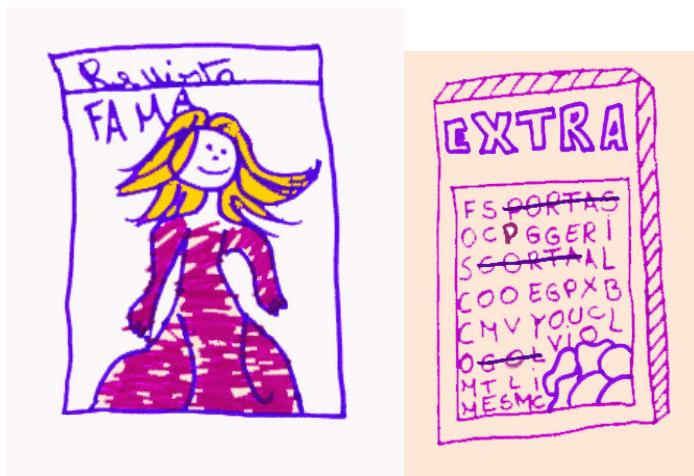
Alguns dos números fornecidos pelo autor são de grande valia. Nos Estados Unidos, por exemplo, mais de um terço dos lares possui sistemas de vídeo game. Em 1992, essa indústria engordou US\$ 5,3 bilhões, representando mais

¹⁸ Em 2003, os exemplares de “Fama” foram distribuídos junto com a revista “Quem”, da Editora Globo, como atividade promocional da novela “Celebridade”. Um dos núcleos da novela era a própria redação da revista, onde trabalhavam repórteres e editores.

dinheiro que toda a venda de ingressos de cinema no mesmo período. Não é à toa que diversos temas de jogos eletrônicos estejam, nos últimos anos, virando filmes, como “Mortal Kombat” e “As aventuras do Super Mario Brothers”. A indústria do vídeo game está construindo, como afirma o Provenzo Jr., o alicerce para o desenvolvimento da televisão interativa.

Se por um lado há um enorme número de desenhos com produtos televisivos como assunto principal, por outro lado há dois trabalhos que parecem receber certo tipo de influência dos jornais. Um, desenhado por um menino de 12 anos, tem como título a palavra “Extra”, e, segundo ele, é a revista do jornal de mesmo nome. Apesar de o impresso não ter nenhuma revista com esse nome, acredito que o aluno estivesse se referindo à publicação “Canal Extra”, que sai, aos fins de semana, junto com o periódico. O tema principal da revista desenhada por ele, diferentemente do que é assunto de destaque na revista “Canal Extra”, porém, são os passatempos, que aparecem em forma de caça-palavras. A partir da discussão que surgiu com a apresentação deste trabalho, ficou claro que “passatempos” e “histórias em quadrinhos” agradam, e muito, tanto a meninos, quanto a meninas. Quando perguntados se trocariam as revistas “Rebelde”, sobre “esportes” ou sobre qualquer outro assunto por publicações com passatempos, a resposta positiva foi unânime.

Imagens 7 e 8



Capas de revistas desenhadas pelos alunos da escola pública: “Fama”, sobre a vida das celebridades; e “Extra”, com passatempos.

A atividade na escola particular rendeu 16 trabalhos: quatro com capas da revista “Caras”; quatro com exemplares da revista “Rebelde”; uma revista “Capricho”; uma revista “Smack”; uma revista “Veja”; uma revista “A+”, da marca “Lance!”; uma revista criada por aluno chamada “A + legal”; uma revista criada por aluno chamada “Tudo”; uma revista criada por aluno chamada “Saiba Mais”; e uma revista criada por aluno chamada “Revista do Soninho”.

A opção de muitos pela revista “Caras” e de um pela revista “Veja”, revistas voltadas para o público “adulto”, é explicada de diversas formas. Alguns, por exemplo, afirmam que gostam de saber o que se passa com os atores e atrizes famosos, como é o caso de uma menina de 12 anos que desenha a publicação e nela escreve: “*Saiba tudo sobre a vida de Luisa Valdetaro*”, referindo-se a uma atriz que faz a novela “Malhação”. Já outros contam que começaram a acompanhar a revista por influência dos pais e parecem conhecê-la muito bem:

Rachel, 12 anos: A minha mãe tem assinatura da “Caras” para as clientes que freqüentam o centro de beleza dela. Eu leio tudo.

Brenda, 12 anos: Eu achei a edição deste mês muito ruim! Fizeram uma capa inteira com a Sasha (filha da Xuxa) só para dizer que ela agora virou modelo da loja da mãe. Um desperdício.

Rachel, 12 anos: Mas a “Caras” sai todas as semanas e não só uma vez por mês.

Alan Block (2004), ao escrever o texto “Lendo revistas infantis: cultura infantil e cultura popular” faz uma consideração interessante sobre a influência exercida pelos pais em algumas escolhas de leitura de mídia feita pelos filhos. Ele afirma que, como adultos, estamos “no mundo” e temos acesso a uma infinidade de revistas, mas o que lêem nossos filhos é, geralmente, o que adquirimos para eles, os exemplares de cultura popular que trazemos para os nossos lares.

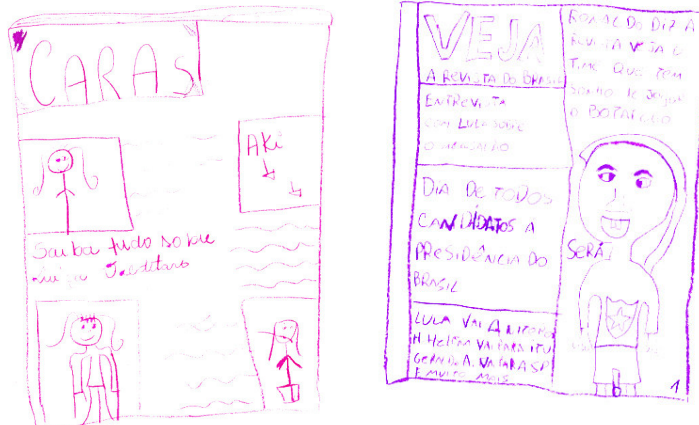
A maioria dos desenhos dos participantes desta oficina, diferentemente dos da escola pública, possui capas de revistas detalhadas, com sugestões de reportagens e chamadas para o que o leitor encontraria no interior da revista. Neste ponto, poderíamos destacar os trabalhos daqueles que se interessam por publicações voltadas para o público adolescente, em especial as meninas. O que as atrai, principalmente, para esse tipo de revista são os testes e os brindes, mais até do que as reportagens. As meninas que dizem gostar das revistas de “Rebelde” concordam que esse é um fator que, sem dúvida, as leva a comprar a publicação, que também oferece testes. Na capa de uma das revistas, a “Smack”, desenhada

por uma menina de 12 anos, há as seguintes chamadas: “5 testes sobre amor”, “6 pôsteres super legais!” e “Grátis! Um porta batom”.

Mais uma vez, percebe-se que os alunos da escola particular têm um bom conhecimento de mídia impressa, já que copiaram fielmente algumas logomarcas de revistas e, de certa forma, acertaram na “diagramação” das capas das revistas. O aluno que desenhou a “Veja”, por exemplo, não só usou uma fonte muito próxima da original para escrever o título da revista, como o posicionou de maneira correta, no canto esquerdo superior da página. O mesmo fizeram alguns alunos que desenharam a “Caras” e o menino que escolheu a revista “A+”, de esportes, do Lance.

Cabe ainda ressaltar que as crianças da escola particular que escolheram “criar” uma nova revista não tiveram dificuldades em sugerir reportagens e explicar o conteúdo do que haviam pensado, além de terem sido extremamente criativos, diferentemente do que aconteceu na escola pública. Um dos meninos, de 11 anos, que diz que sente muito sono, normalmente quando está na escola, inventou a “Revista do Soninho”, com duas chamadas na capa: “Uma entrevista com os Bananas de Pijamas” e “Como dormir tranquilamente”. O mesmo aconteceu com a menina que criou a revista “Saiba Mais”, em que o leitor, segundo ela, poderia saber um pouco mais sobre tudo o que achasse interessante. Suas sugestões de reportagem foram: “Saiba mais sobre os episódios de ‘Páginas da Vida’”; “Saiba como ficar com um visual nota 100!” e “Esportes: saiba mais o que você precisa fazer antes de praticá-los”.

Imagens 9 e 10



Duas capas de revista desenhadas pelas crianças da escola particular: a “Caras” tem como reportagem a vida da atriz Luisa Valdetaro. Já a “Veja” tem reportagens sobre política e esportes. Em ambas, as logomarcas são quase que fielmente reproduzidas.

Assim como na escola pública, esse tipo de veículo impresso, a revista, muito mais do que o jornal, desperta o interesse e a curiosidade das crianças. Muitas até já haviam afirmado que o jornal deveria ser como uma revista: ter folhas melhores, ser encadernado, ser mais colorido, entre outros. O fato de ser segmentado faz com que as crianças saibam bem os títulos que lhes interessam porque sabem exatamente o que vão encontrar em cada tipo de publicação.